



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA REGIANE DA SILVA

**REPERCUSSÃO DO ISOLAMENTO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA**

Juazeiro do Norte
2021

MARIA REGIANE DA SILVA

**REPERCUSSÃO DO ISOLAMENTO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Larissa Maria Linard
Ramalho

Juazeiro do Norte
2021

MARIA REGIANE DA SILVA

**REPERCUSSÃO DO ISOLAMENTO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho
Orientadora

Prof. Dra. Emilia Suitberta de Oliveira Trigueiro
Avaliadora

Prof. Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Avaliador

REPERCUSSÃO DO ISOLAMENTO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA

Maria Regiane da Silva¹
Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

O isolamento social tem sido uma importante medida não farmacológica utilizada no mundo inteiro nos últimos dois anos, para prevenção de infecção e redução da disseminação do vírus (SARS COV-2) conhecido por corona vírus, durante a pandemia de COVID-19. As restrições imposta pela aplicação de tais medidas, implicam em fechamentos de espaços de convívio social como escola, comércios, instituições, empresas, entre outras. Além de mudanças de hábitos e dificuldade no acesso a serviços fundamentais como a saúde. Assim, torna-se necessário compreender a repercussão do isolamento social, considerando perspectivas de ordem física e psicológica da criança. Para produzir diálogos a respeito vivência e contextos em que a criança está inserida. Nesse sentido, apresenta-se como objetivo dessa pesquisa, entender a relação entre o isolamento social durante o período de pandemia e as influências no desenvolvimento da criança na primeira e segunda infância. Para tanto, os objetivos específicos se destinam a apresentar a importância das relações sociais para o indivíduo a partir das teorias da psicologia, especificar a socialização na primeira e segunda infância, e apontar possíveis alterações no desenvolvimento ocasionado pelo isolamento social. Realizou-se revisão de literatura em artigos científicos publicados nas principais bases de dados bibliográficos como livros, artigos, revistas, boletins, jornais, periódicos e pesquisas realizadas recentemente. Apresentam-se resultados de forma qualitativa, com o intuito de identificar as influências do isolamento social para o desenvolvimento da criança, comparando dados entre a primeira e segunda infância na expectativa de compreender as influências, em fases diferentes, dos fenômenos sociais associados ao desenvolvimento da criança, sendo direcionado ao contexto que configura o objeto desse estudo. O estudo conclui que o isolamento social pode contribuir positivamente para o fortalecimento de vínculos na primeira e segunda infância, quando são dadas as condições necessárias para essa convivência. Por outro lado, a falta de suporte provoca uma experiência hostil dificultando o desenvolvimento saudável da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Criança. Isolamento. Interação. Social.

ABSTRACT

Social isolation has been an important non-pharmacological measure used worldwide in the last two years to prevent infection and reduce the spread of the virus (SARS COV-2) known as coronavirus, during the COVID-19 pandemic. The restrictions imposed by the application of such measures imply the closing of spaces for social interaction such as schools, stores, institutions, companies, among others. In addition to changes in habits and difficulty in accessing fundamental services such as health. Thus, it is necessary to understand the impact of social isolation, considering the child's physical and psychological perspectives. To produce dialogues about the experience and contexts in which the child is inserted. In this sense, the objective of this research is to understand the relationship between social isolation during the pandemic period and the influences on child development in early and second

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: regianepsi90@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissaramalho@leaosampaio.com.edu.br

childhood. For this purpose, the specific objectives are intended to present the importance of social relationships for the individual based on psychological theories, specify socialization in early and second childhood, and point out possible changes in development caused by social isolation. A literature review was carried out on scientific articles published in the main bibliographic databases such as books, articles, magazines, bulletins, newspapers, periodicals and research carried out recently. Results are presented in a qualitative way, in order to identify the influences of social isolation on child development, comparing data between early and second childhood in the hope of understanding the influences, at different stages, of social phenomena associated with the development of child, being directed to the context that configures the object of this study. The study concludes that social isolation can positively contribute to the strengthening of bonds in early and second childhood, when the necessary conditions for this coexistence are given. On the other hand, the lack of support provokes a hostile experience, making the child's healthy development impossible.

Keywords: Development. Kid. Isolation. Interaction. Social.

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença infecciosa que tem como principais sintomas a febre, cansaço e tosse. Em casos mais graves acomete o sistema respiratório causando pneumonia e síndromes respiratórias que pode levar o indivíduo doente à morte. O vírus (SARS-COV-2) conhecido mundialmente como corona vírus disease-2019 que é o agente causador da doença, cientistas no mundo inteiro investigam atualmente a origem do vírus. (OPAS, 2020). Até o momento o que se sabe a respeito é que possui semelhança com o vírus encontrado em morcegos (BELASCO; FONSECA, 2020).

A pandemia causada pela rápida disseminação e contaminação pelo corona vírus teve início no ano de 2019 após surto de doenças respiratórias na cidade de Wuhan na China. Inúmeros casos registrados tinham em comum o contato de pessoas com o mercado público que comercializa animais exóticos para consumo humano, acredita-se que dessa forma houve o primeiro contato com vírus, no período de dezembro no ano de 2019. Devido à rápida disseminação do vírus a doença se espalhou em diversos países, e no dia 11 de março de 2020 a organização mundial da saúde declarou a situação como pandemia (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

No Brasil, a pandemia chegou em fevereiro de 2020, com o registro dos primeiros casos o Ministério da Saúde declarou emergência em saúde pública. O avanço de infecção por corona vírus continuou no país, em março de 2020 houve divulgação do primeiro óbito, as autoridades em saúde passaram a se reunir para promover e planejar ações que pudesse prevenir o colapso nas unidades de saúde, e para de tentar conter os avanços da doença foi decretado lockdown que previa barreiras de segurança sanitária em todo o país.

O isolamento social é uma medida não farmacológica de maior importância estratégica no enfrentamento da pandemia de covid 19. Uma ação cuja eficácia depende de fatores econômicos, ambientais, cultural, saúde e engajamento da população e do conhecimento científico e compromisso ético de autoridades responsáveis pela aplicabilidade da medida, é preciso existir programas assistência à população e incentivos a colaboração integral de todos os envolvidos. As autoridades competentes devem exigir obediência das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) levando consideração estudos científicos comprovados e assegurar à sociedade condições necessárias para adesão das normas sanitárias (BEZERRA *et al.*, 2020).

O impacto social das medidas restritivas para conter os avanços da pandemia de covid 19, tem sido atrelado a uma série de conflitos resultantes das mudanças de hábitos. Visto que o isolamento social involuntário provoca fechamento de ambientes de convívio, espaços públicos, comércio, escolas entre outros, obriga o indivíduo está dentro de casa por períodos extensos, isso tem afetado pessoas de todas as idades no mundo inteiro em dimensões e contextos como saúde física e mental, comportamento, insegurança econômica, sofrimento que somado ao medo da própria doença podem gerar prejuízos à vida da pessoa confinada. (BEZERRA *et al.*, 2020).

Nesse sentido, como a criança é uma parte dessa população que atravessa esse momento de pandemia em uma fase da vida em que se aprende a construir laços sociais, e vínculos que capazes de possibilitar o desenvolvimento infantil. Devido aos problemas sócios alarmantes que ficaram em evidência no período de isolamento social, observa-se que a a criança tem sido pouco citada nas discursões sobre os impactos da pandemia, isso reforça a invisibilidade de suas demandas, contribui para exclusão e reforça o não lugar na sociedade. Assim, o processo de adaptação a nova realidade pandêmica, passa pelo viés de uma superação do evento, que ocorreu de forma repentina sem preparações prévias que pode ser motivo de complicações no que tange aos fatores psicológicos de saúde dessa criança. (PASTORE, 2020).

Tendo em vista a relevância dos impactos do isolamento social para a criança, e a necessidade contribuir com o conhecimento para que o tema se torne pauta, a fim de desenvolver diálogos, com o intuito de problematizar tais questões. O presente artigo estabelece como questão de pesquisa a retirada da criança do convívio social, em tempos de pandemia, desencadeou problemas no desenvolvimento infantil na primeira e segunda infância? E como objetivo busca entender a relação entre o isolamento social durante o período de pandemia e as influências no desenvolvimento da criança na primeira e segunda

infância. Para tanto, os objetivos específicos irão apresentar a importância das relações sociais para o indivíduo a partir das teorias da psicologia, especificar a socialização na primeira e segunda infância, apontar possíveis alterações no desenvolvimento ocasionado pelo distanciamento social.

2 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é realizada com base em arquivos previamente divulgados. Este estudo consiste em pesquisa bibliográfica, os materiais analisados para esta pesquisa foram selecionados com critérios de inclusão e exclusão, considerados artigos onde os autores em seus posicionamentos corroboram e divergem entre si, sobre a importância das relações sociais para o indivíduo, fornecendo subsídios para relacionar variáveis de análise entre o isolamento social e as influências no desenvolvimento da criança em primeira e segunda infância.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de uma base de dados bibliográficos como livros, artigos, revistas, boletins, jornais e demais periódicos com possibilidade de acesso e outras pesquisas já realizadas, disponibilizadas na internet com valor científico, servindo como subsídios para a pesquisa. As fontes primárias e secundárias utilizadas na construção desse artigo foram encontradas nas principais bases de dados como SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), livros em formato pdf e na biblioteca digital, divulgados na internet. As palavras utilizadas em maior intensidade foram desenvolvimento, psicologia, social, indivíduo, aprendizagem, interação, afetividade. Na pesquisa foi utilizado o método de caráter exploratório que tem como parâmetro ser diferente dos outros tipos de pesquisas existentes por auxiliar a nortear o pesquisador, podendo dirigir a pesquisa até o desenvolvimento dos objetivos gerais e os específicos, ajudando a esclarecer e tornando maior a afinidade com as metas a serem atingidas ao longo do desenvolvimento da pesquisa (GIL, 2017, p.26).

Nesse sentido, os resultados foram apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de dados e comparados entre si com o intuito de identificar as influências do isolamento social para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, realizou-se comparativos de dados entre a primeira e segunda infância na expectativa de compreender as influências, em fases diferentes, dos fenômenos sociais associados ao desenvolvimento da criança, sendo direcionado ao contexto que configura o objeto desse estudo. Foi assim, utilizado o método

indutivo para analisar o fenômeno e as correlações encontradas no desenvolvimento da pesquisa com o intuito de atingir os objetivos propostos (GIL, 2017, p.26).

3 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS PARA O INDIVÍDUO

As relações sociais dentro dos estudos da psicologia tem ocupado papel relevante diante das múltiplas compreensões que envolvem a constituição do sujeito e o desenvolvimento humano. Este ramo de estudo visa compreender o sujeito social, ressaltando as influências do meio como fator predominante em relação a outros aspectos, inerentes a modificações de ordem psicológicas ou biológicas que ocorrem ao longo da existência. Os principais teóricos que dedicaram os estudos das interações sociais foram Jean Piaget, Lev S. Vygotsky e Henri P. H. Wallon. Apesar de divergirem em alguns pontos de suas teorias, ambos corroboram quanto a importância da troca entre os indivíduos para a constituição do sujeito (FARIA *et al*, 2020).

De acordo com Vygotsky (1995-1997), a teoria sociocultural se dedica inicialmente aos estudos direcionados a construção da mente a partir da coletividade, abrangendo o contexto social e cultural como princípio impulsionador do desenvolvimento humano. A partir desse princípio, surgem às noções de psiquismo denominadas funções psicológicas superiores que se encontram na dimensão interna do sujeito, mas que sofrem influência do meio e das relações sociais.

A teoria de Vygotsky (1926-2001) aborda o desenvolvimento psicológico da criança como fenômeno histórico, a partir das estruturas sociais existentes e da interação com os membros pertencentes aos grupos. A criança passa a ser mediada por outros e manifesta nesse contexto a sua identidade demonstrando o seu pertencimento a um grupo, seguindo a lógica de sujeito-meio. Desde o nascimento, o ser humano é afetado pelos significados e significantes que o norteia através dos objetos e da competência de socialização dentro da cultura (VYGOTSKY, 2001).

É por meio da interação com a cultura que a espécie humana evolui, são repassados costumes consolidados ao longo do tempo. Através do processo de transmissão intergeracional de conhecimentos, a criança se apropria dos símbolos que correspondem a sua cultura tornando referência na interação com o outro, utilizando o repertório aprendido nos diferentes contextos e grupos de convívio. Passando a desenvolver habilidades individuais e coletivas. Dessa forma, o indivíduo se humaniza e constrói sua personalidade, juntamente com o desenvolvimento e a aprendizagem. (VYGOTSKY, 2001).

Os estudos de Piaget (1998), se caracterizam pela formação dos sujeitos que advém de um agrupamento de indivíduos que não apenas absorvem determinados conceitos repassados pela cultura, mas adaptam tais fundamentos constituídos. Para que haja aprendizagem é necessário o ajuste da realidade, ocorrendo por meio da vivência, pela qual, o indivíduo precisa ultrapassar a racionalidade do que o contexto oferece, através dos objetos e da interação com o outro. As ideias coletivas pelo qual se alteram os eventos universais, em instrumentos de conhecimento, sendo assimilados e reorganizados pelo ser humano, de acordo com o modo que este se integra a cultura e a princípios sociais, relacionando e conectando mutuamente dependência e naturalidade (PIAGET, 1998).

Corroborando com Vygotsky, a teoria de Wallon (1979-1995), aponta que o desenvolvimento infantil ocorre por meio das relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente como fator preponderante para a formação do sujeito, considerando aspectos socioculturais como fatores importantes. É vivendo em grupo que o indivíduo se desenvolve em seus aspectos físicos, cognitivos e sociais, e por consequência interações e aprendizagem de maneira genuína. Todos esses processos, contam com a afetividade que se relaciona intimamente com a atividade mental, pois para a teoria de Wallon o ser humano necessita de um ambiente favorável desde o nascimento, com o acolhimento tanto familiar como social, compreendendo a afetividade como indissociável do desenvolvimento humano (WALLON, 2008).

4 A SOCIALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Segundo Papalia e Feldman (2013), o indivíduo constitui-se como ser social desde o nascimento, ao nascer é inserido na família onde terá o seu primeiro ambiente de convivência e os primeiros contatos sociais, passando a família, a influenciar o indivíduo a partir de estímulos visuais, linguagem e costumes. O mundo da criança nessa fase está em torno da família e das necessidades básicas como alimentação e cuidados, mas isso não impede que a criança sofra interferências de terceiros.

O autor ressalta que, desde o início da sua construção social, o indivíduo passa a desenvolver habilidades de interação sendo influenciado por pessoas externas a sua família de origem que fazem parte da mesma comunidade e pessoas nas proximidades em que se encontra contribuindo com sua cultura e hábitos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Nos primeiros anos de vida, ocorrem modulações no comportamento do indivíduo, passando a perceber estímulos e a reagir-los, identificar reações emocionais, interagir com o

meio através de gesticulações e expressões faciais conduzindo o ambiente. Além disso, ocorre uma modificação no que diz respeito à ampliação dos sentidos, passando a ter consciência de si e a observar o comportamento do outro (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

De acordo com Piaget (1929), as alterações ocorridas no desenvolvimento cognitivo e adaptações ao ambiente. A primeira infância é marcada pelo período de 0 a 3 anos, fase que abrange o estágio sensório-motor de 0 a 2 anos e apresenta consideráveis mudanças na aprendizagem em relação a si mesmo e ao ambiente. Conforme o melhoramento das funções sensoriais e motoras, o bebê não apenas reage ao ser instigado por um adulto, como torna-se orientado em relação à manipulação de objetos e promove ações no ambiente.

O estágio sensório-motor divide-se em uso de reflexos de 0 a 1 mês, reações circulares primárias de 1 a 4 meses, reações circulares secundárias de 4 a 8 meses, coordenação de esquemas secundários de 8 a 12 meses, reações circulares terciárias de 12 a 18 meses e combinações mentais dos 18 a 24 meses. Após avançar nessas etapas, a criança faz generalizações considerando experiências adquiridas e resolve pequenos problemas explorando o ambiente com maior habilidade. A sexta e última etapa do primeiro estágio é o período de transição para o estágio pré-operatório na primeira infância, fase em que a criança inicia representações mentais, capacidade simbólica, palavras, imagens mentais, memória e pensamento (PIAGET, 1929).

Desse modo, Piaget compreende o processo de socialização na primeira infância como uma fase em que a criança infere sentido ao mundo pela via da aprendizagem. Essa vivência permite o envolvimento do corpo, percepções sensações e tato. Tornando-se consciente dos seus próprios membros e do meio onde se estabelece o ciclo de aprendizagens, possibilitando a criança o vislumbre do universo ao seu redor (SOTLTZ, 2013).

Os estímulos feitos pelo adulto reforçam habilidades como inteligência, criatividade e compreensão do meio a partir de observações e amadurecimento das funções cognitivas e mentais, utilizando-se da energia corporal que emana do corpo e das ações realizadas no ambiente com participação ativa da criança (SOTLTZ, 2013).

Vygotsky (1991) retrata aspectos do desenvolvimento Infantil, a partir das funções psicológicas denominadas elementares, entendidas como uma condição inata onde o indivíduo possui simples reflexos, memória mecânica, atenção involuntária, imaginação reprodutora, pensamento figurativo, vontade impulsiva, reações automáticas, associações. Dessa forma, através dessas funções tanto os animais quanto os seres humanos interagem com o meio através do organismo, tendo, portanto, a percepção como a função mais importante desse processo.

As funções psicológicas superiores são exclusivamente humanas, a maturação destas, ocorre através dos mediadores, com intuito de alicerçar o psiquismo humano na atenção voluntária, memorização, pensamento abstrato, planejamento, memória lógica, imaginação criadora, vontade provisória, fala. Tais funções são reforçadas pela mediação de um adulto ou de uma criança mais experiente dentro de uma cultura, através da transferência de significações de símbolos, signos entre outras construções e hábitos que ocorrem durante o desenvolvimento desde os primeiros anos de vida, de acordo com o meio em que vive e com o suporte das interações sociais. Sendo então o sujeito, transformado e transformador do seu ambiente (VYGOTSKY, 1995).

No primeiro grupo, as funções são desenvolvidas entre criança-adulto-social, as ações são realizadas com instruções primordiais e na compreensão sobre os objetos. No segundo grupo de funções criança-objeto-social, torna-se possível a adequação do seu comportamento a uma intenção mediante as suas ações, e busca-se a realização de propósito, onde a demanda social é posta a criança através de cultura e das trocas (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2010).

Para Freud (1950-1977), as relações sociais são primordiais para a sobrevivência humana, pois a criança ao nascer manifesta suas necessidades mais primitivas e urgentes. No primeiro momento de vida o recém-nascido é submetido a uma vinculação que em primeira instância envolve a busca pela satisfação de ordem biológica, a criança chora, estabelece a sua primeira comunicação com o outro e tem sua necessidade satisfeita pela mãe ou cuidador. É na primeira vinculação social com o outro que o neonato tem a pulsão plenamente satisfeita, pois a assistência realiza os anseios de alimentação suprimindo lhe a fome e a sede, estabelecendo o vínculo primário (FREUD, 1977).

A partir dessa experiência, o bebê passa a evocar a presença do outro não apenas para satisfação de alimentação, mas para suprir uma falta, a presença é evocada para além da amamentação e a mãe passa a ocupar o espaço do outro da linguagem, onde este é capaz de interpretar os seus sofrimentos e o instiga a perceber alterações do seu próprio corpo, fazendo distinção entre as demandas internas e externas do mundo ao seu redor (FREUD, 1977).

Na dinâmica da manifestação da libido e da linguagem, a excentricidade do outro inaugura o período onde o afeto, amparo e ao mesmo tempo indisponibilidade passa a ser motivo de conflito para a criança. Essa dinâmica é essencial para o entendimento e aceitação de normas e regras sociais impostas pela cultura, dessa forma, passa a compreender e fazer interlocuções entre o individual e coletivo (FREUD, 1977).

As fases do desenvolvimento infantil na perspectiva de Freud organizam os conflitos internos e desejos libidinais, iniciando com o interesse pela mãe que antecede o complexo de Édipo, observa-se então, fixação e regressão que sistematiza a dinâmica com desvios. Na fase oral, a criança percebe os estímulos do ambiente e o seio é o seu primeiro objeto da pulsão sexual, satisfação do prazer além da sucção, o afeto sendo de ordem simbólica. No período sádico-anal o intestino manifesta demasiada excitação e desajustes intestinais, na primeira infância com valor de negociação, na relação com o outro (FREUD, 1996a).

4.1 LINGUAGEM, PERSONALIDADE E EMOÇÕES

O desenvolvimento da função psicológica da linguagem pelo balbuciar das primeiras palavras, é executado pelo bebê através das atitudes aprendidas, entretanto, ainda não é capaz de discernir a verdade e a mentira, acreditando em tudo que a ela é dito, começando a aprender a ter segurança. Nesse sentido, estabelecer relações iniciais de maneira que reforce o cuidado, segurança e proteção são primordiais ao bom desenvolvimento da criança para habilidades sociais a partir de interações que contribuem para a formação psíquica do sujeito (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A linguagem surge da urgência de comunicação, é parte da formação psicológica basilar para a sobrevivência humana, sem a estruturação da linguagem seria impossível a organização humana em sociedade. Desenvolve-se inicialmente através do pensamento, em continuidade da formação psicológica do indivíduo, mediada pelo outro no processo de conexão com o objeto e signos. A função social da linguagem é adaptação ao meio, a partir do desenvolvimento mental, intelectual e da formação do pensamento atrelado a comunicação, a interação do homem e o social é formada por vinculação de organismo e meio em níveis de atividades psicológicas superiores capazes de externalizar o pensamento (VYGOTSKY, 2000).

Nesse sentido, a linguagem ocorre por meio da mediação desde a primeira infância pelos laços familiares. A construção social vivenciadas na parentalidade reflete na formação do sujeito, na visão de mundo internalizada, permitindo revelar as circunstâncias e da aprendizagem nos mais diversas esferas sociais. A aprendizagem que será adquirida nos próximos níveis do desenvolvimento da criança, também sofre influência das experiências vivenciadas no âmbito familiar adaptando as exigências da sociedade, toda via, a estimulação da linguagem oral facilita a aprendizagem e o desenvolvimento da criança (VYGOTSKY, 2000).

Para Freud (1996a), a linguagem precede o homem, por meio desse recurso é possível ponderar as relações entre o eu e o outro, explorar possibilidades de existir no universo coletivo atribuindo-lhe significados. Os eventos da linguagem estão ligados ao psiquismo com finalidade de instaurar o aparelho psíquico, sendo a linguagem de ordem simbólica primordial nessa estruturação. É pela via da linguagem que o indivíduo se insere no mundo, a partir do laço simbólico que permite ao homem a sua existência e estruturação no mundo da linguagem simbólica, estabelecendo-lhe proibições.

Na medida em que o psiquismo evolui no amadurecimento das suas funções, ocorre por consequência a estruturação da personalidade, recurso que organiza a individualidade, onde há complexas interações. A personalidade se estrutura como condição primordial humana, o lugar que está inserido, posição social, preferências, gênero, orientação sexual, raça, período de desenvolvimento entre outras realidades cotidianas são relevantes na construção da personalidade (VYGOTSKY, 2004).

As crianças possuem a capacidade de reconhecer emoções ao identificar reações, voz e formas de agir do adulto, é capaz de expressar emoções básicas. O processo de reconhecimento de emoções de si mesmo e do outro também é atravessado pelo processo de socialização, é necessário a interferência e direta participação do outro que registra na criança influência de sua cultura. As habilidades emocionais se iniciam na primeira infância e seguem o curso do seu desenvolvimento ao longo da vida e tem finalidade relevante para o desempenho na autorealização em diversas áreas e na saúde mental (SOUZA; MENDES, 2018).

A regulação satisfatória de emoções como raiva, alegria e medo promovem no sujeito o funcionamento saudável das funções cognitivas e bom relacionamento social. As emoções agregam operacionalização ao conjunto de funções existentes no psiquismo como percepção, cognição e personalidade permitindo o avanço de capacidades socioemocional (ROCHA; CANDEIAS; SILVA, 2018).

4.2 A SOCIALIZAÇÃO NA SEGUNDA INFÂNCIA

Assim, na medida em que a criança cresce, desenvolve aptidões de inteligência emocional, passa a realizar ações sem contribuição direta da mãe, tona-se crescente interação com outras pessoas fora do seu convívio familiar, onde se inicia o processo de autonomia do sujeito juntamente com a maturação de funções motoras, linguísticas e cognitivas e da livre transição pelo fato do caminhar (LEDUR *et al.*, 2019).

O ser humano passa a construir sua própria identidade, que é influenciada pelas suas percepções e manifestações de ideias, preferências, obstinação e queixas relacionadas aos seus cuidados básicos, estabelecendo conexão como as influências do contexto em que se vive e com particularidades socioeconômicas (LEDUR *et al.*, 2019).

O controle da pulsão nessa fase se faz pelo ato de reter e liberar o material excretado, e nesse contexto desagradar e agradar se torna um conflito, o bebê compreende que quanto maior o controle dos seus esfíncteres, maior a aprovação social. A fase fálica é o período em que a criança percebe o seu órgão genital, o menino observa o pênis e questiona a ausência do mesmo na menina. O afeto da mãe produz auto erotização do corpo da criança despertando pulsões sexuais e conseqüentemente é desperto para o mundo e para interações sociais (FREUD, 1996a).

A socialização é a via pela qual a criança se torna um membro social, a partir das experiências cotidianas, ocorrendo pela influência familiar, ou seja, a socialização é um fenômeno onde se instaura a socialização do “eu” com o “outro”, sendo na junção destes que se estrutura a identidade. O sujeito se transforma ao longo da vida a medida que se desenvolve, apropriando-se da totalidade simbólica que tem acesso, conecta-se com papéis sociais diferentes (CIAMPA, 2014).

Nesse contexto, identidade se estabelece a nível pessoal que tem como base aspectos particular do sujeito, e social com base em elementos de inclusão em coletividades, valores, sentimentos de pertencimento, condutas e consciência. A formação da identidade é estruturada como um recurso que se apresenta ao longo do desenvolvimento em constante modificação (CIAMPA, 2014).

Para Wallon (2007), a identidade se constrói na individuação de forma gradativa, ocorrendo em função da compreensão de si mesma já adquirida. A fim de se desassemelhar do outro, a criança mobiliza-se para uma negação de si. Em contraponto, no momento em que a criança se depara com condutas de desaprovação do outro, entra em paradoxo diante da busca por individuação. Esta ação reflete ainda a submissão da criança, revelando há um empenho efetivo em cativar o outro, onde a sua satisfação pessoal depende da aprovação do outro. Os vínculos sociais são dotados de emoções e construções, as experiências vivenciadas nessa etapa marcam a subjetividade, condutas e princípios estruturantes da consciência.

4.3 AUTOESTIMA E DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

A autoestima é intrínseca ao ser humano, e alicerçado em decorrência dos relacionamentos positivos existentes com os pais e pessoas do seu convívio, dessa interação, resultam influências na construção do autovalor que marca o início do desenvolvimento humano até a fase adulta. Quando a autoestima é positivamente desenvolvida ao longo dos anos, reflete no comportamento da criança, através de ações e atitudes confiantes como sentimento de capacidade para realização de tarefas, e percepção de autovalor (VIEIRA; FREITAS, 2018).

Lerner (1980), aponta que a estruturação do “eu” ocorre desde o início da vida e depende da afetividade ofertada pela mãe na amamentação ou de pessoas significativas que cumprem o papel de suprir as demandas emocionais da criança. Dessa forma, a criança passa a desenvolver autoestima, auxiliando na construção identitária. Crianças que crescem em situação de rejeição, punição e negligência emocional, enfrentam dificuldade de se expressar e serem firmes em situações usuais, tornando-se vulneráveis a autoestima negativa, gerando decepção consigo mesmo. Esse entendimento pode tornar a criança insegura levando-a a uma autoimagem negativa (LERNER, 1980).

O desenvolvimento infantil é permeado por eventos privados conflitantes que marca as experiências da criança, permeiam os conflitos que Freud nomeou na sua teoria sobre a sexualidade como complexo de Édipo, que delimita a passagem do imaginário ao simbólico, através das representações dinâmicas do consciente. (GARCIA ROSA, 2009).

Freud (1996b), retrata na teoria da sexualidade que no período de 4 a 6 anos de idade a criança concentra-se em descobrir distintas características apresentadas em ambos os sexos e desenvolve teorias sexuais em torno do órgão genital. A fase fálica é o período em que a criança percebe o seu órgão genital, o menino observa o pênis e questiona a ausência do mesmo na menina, a menina questiona a ausência do órgão em si e fantasia sobre a falta do mesmo. O afeto da mãe produz autoerotização do corpo da criança despertando pulsões sexuais e conseqüentemente é desperto para o mundo e para interações sociais.

As teorias Edipianas fornecem subsídios para a compreensão em torno questões de proibições que permeiam a vida psíquica do sujeito. O limite encontrado na relação com a mãe e a extensão pulsional, permite a entrada no mundo simbólico, e das representações dos vínculos sociais. Freud estabelece que a representação dessas construções simbólicas por meio da narrativa do pai, hábitos e regras sociais, bem como estabelecimentos clássicos de convivência tem função de barrar, impedir o gozo e desviar o investimento libidinal mais altruísta para o contato social e substituição do objeto (FREUD, 1996a).

5 POSSÍVEIS ALTERAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO OCACIONADO PELO ISOLAMENTO SOCIAL

Indubitavelmente a pandemia de COVID-19 tem se apresentado como uma tragédia a nível mundial, atemorizando a humanidade na contemporaneidade. Um dos primeiros estudos na China realizado em 2020, comprova que a criança tem menores chances de adquirir a forma mais grave da doença, pois a maior parte delas desenvolve quadros entre 90% leves ou assintomáticos e apenas 5,9% evolui para quadros críticos podendo leva à morte, não descartando a possibilidade agravantes da doença para crianças com comorbidades. Este é um tema bastante estudado pelos cientistas na tentativa de compreender como a COVID-19 se manifesta no organismo da criança, já que a doença se manifesta de maneiras distintas em diferentes faixas etárias (DONG *et al.*,2020).

Considerando o contexto atual, é necessária uma reflexão sobre o desenvolvimento da criança em meio ao cenário catastrófico que se instalou no cotidiano da população. Embora as crianças adoeçam menos pela COVID-19, na sua maioria de forma branda, são prejudicadas quanto aos fatores psicológicos, pois corresponde a uma parte da população suscetível aos efeitos da pandemia, que tem produzido situações adversas marcando sua infância e conseqüentemente podem ser traumatizante devido aos abalos na estruturação do seu desenvolvimento (LINHARES; ENUMO, 2020).

Nesse sentido é imprescindível a realização de medidas que potencialize o reconhecimento de vulnerabilidades impostas pela pandemia em período de gestação, primeira e segunda infância. Considerando contexto familiar, vulnerabilidades sociais entre outras realidades, as quais crianças estão inseridas, vivenciando períodos de incertezas, e exposição a impactos negativos do isolamento social, que tem provocado intensas desorganizações e mudanças no desenvolvimento da criança (MIRANDA; MORAIS, 2021).

5.1 ISOLAMENTO SOCIAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

As dificuldades encontradas no contexto de pandemia têm atravessado a infância desde o momento do nascimento. Os desafios iniciam logo após o parto diante das exigências estabelecidas nas maternidades, que modificam o cuidado neonatal impedindo a facilitação dos vínculos e proteção neurossensorial. O vínculo parental no período de distanciamento social tem sido fragilizado devido a documentos e normas que impedem a presença de avós,

irmãos e outros parentes, desfavorecendo a rede de apoio no cuidado à criança (MORSCH; CUSTÓDIO; LAMY, 2020).

A urgência da separação da mãe e recém-nascido na hora do parto, acontece também quando a puérpera é diagnosticada com corona vírus, ou existe instabilidade na saúde de ambos. Sendo necessário o afastamento por 14 dias, essa medida adotada nas maternidades para evitar a transmissão do vírus para o bebê provoca na mãe uma série de tensões que pode acentuar ou estimular quadros de medo, ansiedade, estresse e depressão pós-parto. Esse afastamento materno imposto pela realidade de pandemia tem provocado grandes questionamentos acerca de efeitos desse corte repentino na relação materna e bebê (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Somente é permitido o acesso de profissionais da saúde, mãe ou pai se forem assintomáticos. Podendo afetar o atendimento humanizado ao recém-nascido, promovendo a ausência de parentes. O impacto dessa mudança aumenta quando o bebê precisa ficar internado em unidade de tratamento intensivo neonatal, pois o distanciamento intensifica a ausência de contato com a mãe (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Sabendo da importância do aleitamento materno para a vinculação e para o desenvolvimento infantil saudável, através do contato com a mãe promovendo afeto, atenção e alimentação adequada, é inegável que o contato direto é essencial para promover bem-estar ao recém-nascido durante a amamentação. Mas diante da realidade apresentada passou a ser um desafio oferecer o suporte necessário, impactando diretamente na construção dessa relação refletindo na saúde física e psicológica de ambos (MENDES *et al.*, 2020).

Portanto, a situação de isolamento social por ser crítica e representar reais riscos para a saúde de modo geral quando não há cumprimento das normas sanitárias. É necessário o fornecimento de recursos para que a construção de vínculos entre mãe e bebê continue sendo estimulados com o máximo de cuidados seguindo os protocolos imprescindíveis para o período, como utilização de equipamentos de proteção e segurança bem como higienização constante (BEZERRA; BATISTA; SANTOS, 2019).

A existência de prejuízos na vinculação inicial principalmente até os três anos após o nascimento, produz alterações no desenvolvimento da criança como desordens nos aspectos cognitivos, emocionais e social. Os prejuízos psicológicos são causados por fatores multidimensionais que envolvem aspectos socioculturais, biológicos e psicológicos referentes ao vínculo entre a mãe e a criança (CAVALCANTE *et al.*, 2017).

O desenvolvimento infantil via de regra, é marcado por experiências com a mãe ou pelo cuidador que cumpre tal função, qualquer interferência nesse processo dificulta que a

criança evolua de maneira adequada. A vinculação saudável com a mãe produz um ambiente favorável para o progresso do desenvolvimento do recém-nascido no âmbito físico e emocional. Assim, a criança depende das ações do cuidador que vão além da amamentação, falhas nessa interação mãe e bebê apresentam riscos ao desenvolvimento de funções psíquicas da criança (WINNICOTT, 1999).

As particularidades que envolvem o desenvolvimento e a afetividade da criança, tem sido uma das inquietações ao que se refere às transformações experimentadas em diversos contextos na sociedade, no período de isolamento social. Implicações psicológicas em decorrência da pandemia tem desfavorecido a vida psíquica, trazendo sentimentos como medo, estresse e raiva (BROKS *et al.*, 2020).

A repercussão diante do cenário de pandemia, abrange elementos afetivos nas crianças menores, visto que nessa fase, a criança necessita de ambiente seguro e calmo que favoreça o desenvolvimento do seu emocional. Não obstante, durante o isolamento social, ações que trazem alterações nos processos psicológicos dos indivíduos provocados pelo estresse no âmbito doméstico tornaram-se evidentes (BEZERRA *et al.*, 2020).

A atividade laboral realizada pelos pais da criança, é relevante nos estudos atuais sobre os efeitos da pandemia, pois o tempo dedicado ao trabalho impacta diretamente na qualidade da interação com os filhos. O modelo de trabalho Home Office proporcionando modificações nas condições de trabalho trouxe para os pais um alívio em torno das preocupações sobre a ausência na participação do desenvolvimento dos filhos. Mas ao mesmo tempo, o que parecia ser um suprimento tornou-se um desafio enfrentado na missão de conciliar trabalho e atenção à demanda da criança (SILVA *et al.*, 2020).

Os impactos do contexto familiar no desenvolvimento emocional da criança, tem sido um ponto de atenção. Sendo o ambiente familiar o mais emergencial para o desenvolvimento físico, social e psicológico da criança, ao qual servirá como referência para a criança ao adentrar em outros contextos. O ambiente familiar inaugura e marca a experiência primária de socialização do indivíduo, pois através dela, é possível desenvolver suas capacidades. Sendo, portanto, o desenvolvimento das emoções importante para a construção de relações sociais e obtenção de qualidade de vida e satisfação (GOKÇE; YILMAZ, 2018).

O desenvolvimento das habilidades emocionais é estruturante para a criança na primeira infância, e relevante para a manutenção da saúde e bem estar. Além disso, fundamental para a preparação do período pré-escolar que necessita aprender a lidar com emoções para conviver de forma satisfatória com outras crianças e atender as demandas

sociais. O desenvolvimento nesse período ocorre pelo experimentar, reconhecer e organizar (MACHADO, 2012).

Mas para isso, são necessários estímulos adequados que nesse período de isolamento tem sido limitado, impactando na primeira infância onde a criança vivência o período pré-escolar. Tendo efeito recorrente na cognição, saúde mental, comportamental, trazendo consequências negativas que variam de acordo com a idade, estrutura e condições socioeconômicas familiares (NIXON; LAYTE; THORNTON, 2019).

O isolamento social como importante medida não farmacológica utilizada para conter o alastramento da infecção por corona vírus, intensificou o convívio familiar que anteriormente dividiam-se entre pais, avós, serviços de saúde e creches. A convivência familiar é fundamental para o desenvolvimento humano na infância e o fortalecimento de vínculos (NOAL; DAMASIO, 2020).

5.2 ISOLAMENTO SOCIAL NA SEGUNDA INFÂNCIA

As crianças vivenciam na segunda infância o período em que estão adentrando aos espaços físicos de convivências como creches, e expandindo suas interações sociais para além da família, passando a conviver com outras crianças, aprender regras e normas, entrando em processo de educação. No Brasil o acesso à educação é um direito adquirido constitucionalmente, considerado um dos estímulos potentes no desenvolvimento das habilidades humanas durante a infância, além de ter função de rede de apoio na formação do sujeito, juntamente com a família (IGLESIA, 2020).

Porém, durante o período de isolamento muitas crianças estão sob diversas formas de riscos que podem provocar prejuízos no desenvolvimento infantil como a falta de estímulos, violência, maus tratos, negligências e conflitos familiares, práticas corretivas aplicadas pelos educadores e parentes dentro de casa, falta de alimentação adequada, pais desempregados ou com deficiência física e mental, entre outros diversos conflitos apresentados por condições socioeconômicas frágeis. Dados o contexto de opressão e repressão em que muitas crianças podem estar sistematicamente submetidas e a desigualdade que ficou iminente em tempo de pandemia, torna a criança ainda mais vulnerável (LINHARES *et al.*, 2020).

O afastamento da creche pode ser um fator gerador de insegurança alimentar, visto que em algumas realidades se tem a merenda escolar como a única forma de acesso a alimentação. Dessa forma, é inadequado esperar que uma criança aprenda e se desenvolva sem o suporte básico como alimentação e condições favoráveis ao desenvolvimento (UNICEF, 2020). A

falta de recursos materiais para acompanhar aula a distância também é um fator que impossibilita a continuidade da aprendizagem, que em alguns casos, é realizada ou tenta-se realizar por pais analfabetos ou sem orientações, ou através de aplicação de castigos, trazendo implicações na autoestima (CHRISTOFFEL *et al.*, 2020).

Algumas reações emocionais são consideradas normais diante de condições adversas, mas outras reações surgem no período de isolamento social como manifestações mais intensas, que necessitam atenção direcionada, bem como alterações no comportamento, estresse pós-traumático, comportamento evitativo, diminuição na capacidade de concentração, constante irritabilidade, insatisfação, ociosidade, sentimentos de solidão, ansiedade de separação e mudança no padrão alimentar (FIOCRUZ, 2020).

Em estudo preliminar realizado na China na província de Shaanxi em fevereiro de 2020, em meio a pandemia, pelo grupo de trabalho colaborativo China-EPA-UNESPA, realizado com liberação do governo local, apontou que o comportamento de pegajosidade e medo são mais suscetíveis entre crianças de 3 e 6 anos de idade do que crianças maiores. Essas reações estariam associadas a preocupações em torno da infecção por corona vírus entre os membros familiares, pois temem que seus pais e avós possam adoecer e morrer (JIAO, 2020).

Para Noal e Damásio (2020), nas crianças que possuem demandas específicas de saúde como deficiência física, autismo e portadoras de síndromes, tornam ainda mais efetivos os impactos do isolamento social, somados a sofrimentos psíquicos pré-existentes. Esses são reforçadores incisivos para desorganização provocando desajustes no desenvolvimento de ordem psíquica, sensorial e motora.

Os cuidados anteriormente estabelecidos por avós, pais, amigos e serviços prestados por escolas entre outros espaços, passam a ser limitados por apenas cuidadores que vivem na mesma casa. A família de crianças com necessidades especiais enfrenta um grande desafio em tempos de pandemia, devido à ausência de equipamentos de assistência de educação e saúde, entre outras que servem como rede de apoio a criança. As interações familiares ficaram frágeis e a dificuldade em lidar com a criança promover e/ou acentua problemas físicos e psicológicos, mudanças no tônus muscular, progressos ou perdas de funções (FIOCRUZ, 2020).

Lima (2020), defende que o isolamento social pode ser uma possibilidade de maior interação entre os familiares, viabilizando o fortalecimento de vínculos, pois compreende que o convívio familiar por um período prolongado, devido à necessidade de ficar em casa como medida preventiva, proporciona uma intimidade com viés positivo em relação aos cuidadores.

Em contraponto, Noal e Damásio (2020), compreende o excesso de convivência dada às circunstâncias, como meio de aumentar demandas de trabalhos, somado as necessidades das crianças com os estudos e tempo de brincar, com trabalhos realizados em casa, produzindo dessa forma, uma carga de estresse no adulto, que é sentida pela criança que irá absorver cargas emocionais negativas deste, intensificando sofrimentos psíquicos.

5.3 SUGESTÕES PARA MINIMIZAR OS EFEITOS DO ISOLAMENTO

A FIOCRUZ (2020), disponibilizou uma cartilha onde consta orientações dirigidas a pais e familiares com crianças especiais, e conta com orientações para que seja possível reconhecer adequadamente tais necessidades, evitando negligência de suas demandas. É recomendada a inclusão na atenção psicossocial que está disponível também de forma online para uma escuta sensível, a fim de contribuir e dar o suporte necessário durante a pandemia.

Recomenda-se reforçar o diálogo com as crianças ajudando a dissolver medos e preocupações existentes, reservar pelo menos um horário do dia para utilizar jogos colaborativos para aliviar tensões sensações de solidão, através de brincadeiras estimulando a criança para a se exercitar, musicoterapia com canções que ajudam a reduzir preocupações, medos e estresse que a criança possa estar enfrentando. É fundamental avaliar a necessidade de dormir e a qualidade desse sono, observar se a criança tem pesadelos recorrentes, além de promover momentos de relaxamento e controle de sono noturno e diurno (JIAL *et al.*, 2020).

Com relação às crianças que tem pouco ou nenhum contato presencial com outras pessoas fora de casa, é importante um olhar sensibilizado, promover diálogos cautelosos e estabelecer uma rotina e meios em que a criança possa expressar como se sente. Os serviços que são suspensos em períodos de isolamento social como, por exemplo, atendimento psicológico da criança entre outros, demanda criar métodos e práticas para auxiliar a criança e parentalidade em suas particularidades (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Considerando que o isolamento social pode ser motivo de incômodo causando angústia, para boa parte da população devido a inúmeros fatores que decorrem dela, podendo ser um disparador de ansiedade e estresse, é de fundamental relevância que os serviços suspensos se reorganizem e suas maneiras de funcionamento, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde, podendo se utilizar de meios tecnológicos para contribuir e auxiliar na promoção de saúde (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Importante ressaltar, os recursos internos que a criança possui como a resiliência que a ajuda no enfrentamento de pequenas decepções, e frustrações ou grandes traumas da vida

como perda de um familiar ou cuidador. Devendo tal capacidade ser incluída em programas de saúde pública para que a criança que vive em áreas extremamente atingidas na pandemia possa ser amparada por psicólogos e profissionais da saúde de modo geral, estes, compreendendo individualmente as demandas emergentes possibilitando estabilidade emocional diante das angústias pertinentes (JIAL *et al.*, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a apuração da literatura selecionada para realização do presente estudo, a pesquisa permitiu observar que o desenvolvimento da criança foi investigado por diversos teóricos em diferentes perspectivas, conforme a abordagem escolhida. Mas atualmente existem acontecimentos pertinentes que transitam entre as teorias como é o caso do isolamento social, que podem transformar de maneira intensa e ser complemento para tais estudos diante das transformações da realidade que parecia antes imutável.

Os inúmeros escritos apresentados clarificam as explanações científicas, que envolve o desenvolvimento da criança na primeira e segunda infância, e a repercussão do isolamento social. Entre os mais variados artigos pesquisados foi possível obter que a criança em período de isolamento social enfrenta uma série de tensões que são suficientemente capazes de trazer prejuízos nas estruturas básicas do seu desenvolvimento, desde o viés das emoções, e das necessidades de segurança e alimentação que a criança possui. São perceptíveis os riscos que uma situação de medidas restritivas como isolamento social, por período prolongado pode promover. Atrasos no desenvolvimento, mudanças no comportamento e aumento das vulnerabilidades ficam explícitas nesse período que impactam no desenvolvimento da criança.

Ao longo da elaboração desse trabalho investigou-se a relevância desse fator desconforme para a estruturação da criança em formação, considerando os mais variados contextos que a criança está inserida, dando visibilidade as demandas da criança confinada em período de pandemia. O estudo apresenta a conclusão de que apesar de o isolamento social se apresentar como fator preponderante para o fortalecimento de vínculos da infância, pois permite as famílias maior contribuição em termos de atenção e presença na vida das crianças menores, no contexto familiar. A realidade encontrada é distinta do que se espera de um convívio saudável, em parte da literatura encontrada essa convivência familiar é abordada como hostil, pois não são dados o suporte necessário para um desenvolvimento saudável da criança. Visto que, é necessário considerar fatores psicológicos, socioeconômicos, biológicos, emocionais, saúde entre outros, para o desenvolvimento saudável da criança.

Como já existe evidências sobre os efeitos desse evento adverso, mas não a totalidade do atual cenário, ainda há investigações em andamento sobre os impactos causados pelo isolamento social no desenvolvimento infantil. A elaboração de pesquisas científicas revela-se como campo favorável para produção de estudos sobre o desenvolvimento dentro das áreas de interesses da psicologia, é possível perceber que muito se tem ainda a investigar sobre esse fenômeno atual que se faz tão necessário o debruçar sobre esse evento adverso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELASCO, A. G. S.; FONSECA, C. D. Corona vírus 2020. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 73, n. 2, p. 1-2, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n2/pt_0034-7167-reben-73-02-e2020n2.pdf. Acesso em: 09 abr. 2020.
- BEZERRA, A. C. V.; Silva, C. E. M. da; SOARES, F. R. G; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n.1 ,p. 2411-2421, jun. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702411&script=sci_arttext. Acesso em: 02 Jun. 2021.
- BEZERRA, A. E. M.; BATISTA, L. H. C.; SANTOS, R. G. A. Amamentação: O que pensam as mulheres participantes de um grupo de pré-natal?. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S. l.], v. 73, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5CK7wxZP6zrFSK8BSGQ7SRD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2021.
- BEZERRA, C. B.; SATINTRAIN, M. V. de L; BRAGA, D. R. A. Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 1-10, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2020.v29n4/e200412/>. Acesso em: 02 Jun. 2021.
- BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N. RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence, **PubMed**, Lancet, v. 14, n. 395, p. 912-920, mar. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32112714/>. Acesso em: 02 Jun.2021.
- CAVALCANTE, M. C. V.; FILHO, F. L.; FRANÇA, A. K. T. C.; LAMY, Z. C. Relação mãe-filho e fatores associados: análise hierarquizada de base populacional em uma capital do Brasil-Estudo BRISA. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1683-1693, mai. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002501683. Acesso em: 21 mai. 2021.
- CAVALCANTE, R. J.; SANTOS, A. C. C.; BREMM, J. M.; LOBO, A. P.; MACÁRIO, E. M.; OLIVEIRA, W. K.; FRANÇA, G. V. A. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 29, n.

4, p. 1-13, ago. 2020. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000400306&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

96222020000400306&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 04 abr. 2021.

CHRISTOFFEL, M. M.; GOMES, A. L. M.; SOUZA, T. V.; CIUFFO, L. L. A (in)visibilidade da criança em vulnerabilidade social e o impacto do novo corona vírus (COVID19). **Revista Brasileira de Enfermagem**, Macaé, v. 73, n. 2, p. 1-5, jun. 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/FvPpnmWqdmPWKK7cvqfHwxk/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 01 mai. 2021.

CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e história de Severina: um ensaio de psicologia social**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2014. 254 p.

DONG Y.; MO, X.; HU, Y.; QI X, J. F., JIANG, Z. Epidemiological Characteristics of 2143 Pediatric Patients With 2019 Coronavirus Disease in China. **Pediatrics**, [S. I.], v. 145, n.6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2020-0702>. Acesso em: 02 de Jun. 2021.

FARIA, P. M. F.; CAMARGO, D.; VENÂNCIO, A. C. L. (org.). **Vygotsky no Ensino Superior: concepção e práticas de inclusão**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. 275 p.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19**. Rio de Janeiro, RJ; FIOCRUZ/MS, 2020. Disponível em:

[https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf)

content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf . Acesso em: 01 mai. 2021.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901-1905)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996a. 408 p.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1977. 346 p.

FREUD, S. **Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. 378 p.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente-1936**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 205 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 192 p.

GÖKÇE, G., YILMAZ, B. Emotional availability of parents and psychological health: What does mediate this relationship?. **Journal of Adult Development**, [S. I.], v. 25, n. 1, p. 37–47, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/319684673_Emotional_Availability_of_Parents_and_Psychological_Health_What_Does_Mediate_This_Relationship. Acesso em: 01 jun. 2021.

IGLESIA, Y. R. de I. Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em tempos de Pandemia. **Filosofia e Educação**. Campinas, v. 12, n. 3, p. 1578-1601, set./out. 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661983/25881>. Acesso em: 01 mai. 2021.

JIAO, W. Y.; WANG, L. N.; LIU, J.; JIAO, F. Y.; MANTOVANI, M. P. Transtornos Comportamentais e Emocionais em Crianças Durante a Epidemia de COVID-19. **The Journal of pediatrics**, [S.I.], v. 221, n. 1, p. 264 -266, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>. Acesso em: 01 mai. 2021.

LEDUR, C. S.; ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R.; MACARI, M. L.; ROCHA, P. J. O desenvolvimento infantil aos dois anos: conhecendo as habilidades de crianças atendidas em um programa de saúde materno-infantil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n.1, p. 40-59, jan. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000100004. Acesso em: 20 abr. 2021.

LERNER, L. **Criança também é gente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 90 p.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-10, jul. 2020. Disponível em: <https://scielosp.org/article/physis/2020.v30n2/e300214/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. 1, p.1-14, jun. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100510#B12. Acesso em: 19 mai. 2021.

MACHADO, A. **O conhecimento emocional e o desenvolvimento sócio-emocional em crianças de idade pré-escolar**. 2012. 194 p. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) – Instituto Universitário ciências psicológicas, sociais e da vida, [S. I.], 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2207/1/TES%20MACH1.pdf>. Acesso: 02 Jun. 2021.

MAGALHÃES, A. C. R. de; SANTOS, L. O.; PEREIRA, M. F. S.; RIBEIRO, M. G. G.; ABTIBOL, T. D. S.; FRANÇA, V. N. Isolados e conectados: atendimento psicossocial de crianças e seus familiares em tempo de distanciamento social. **Health Residencies Journal**, [S.I.], v. 1 n. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/11/22>. Acesso em: 01 mai. 2021.

MENDES S.C.; LOBO I. K.V; SOUSA S.Q.; VIANNA R.P.T. **Fatores relacionados com uma menor duração total do aleitamento materno**. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2019. 24: 1821-1829. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-5600-157X>. Acesso em: 02 Jun. 2021.

MENESES, S. K. de O., FRANCISCO, D. J. Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.I.], v. 28, n. 1, p. 985-1012, 2020. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p985>. Acesso em: 21 mai. 2021.

MIRANDA, J. O. F; MORAIS, A. C. A. COVID-19 na vida de crianças e adolescentes brasileiros: poucos sintomas e muitos impactos. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 6-7, abr. 2021. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/3708/4013>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MORSCH, D. S.; CUSTÓDIO; Z. A. de O.; LAMY, Z. C. Cuidados psicoafetivos em unidade neonatal diante da pandemia de COVID-19. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1-4, mai. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010305822020000100102&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 21 mai. 2021.

MS - Ministério da Saúde. **Folha informativa COVID**. Brasília, DF; SAPS/MS, 2020. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202006/03180219-nota-tecnica10-2020-cocamegcividapessapsms-003.pdf>. Acesso em: 02 Jun.2021.

NIXON, E.; LAYTE, R.; THORNTON, M. Growing up in Ireland: The effects of economic recession and family stress on the adjustment of 3-year olds in Ireland. **Growing Up in Ireland**. Dublin: DCYA, 2019. Disponível em: <https://www.growingup.ie/pubs/Growing-Up-in-Ireland-The-Effects-of-Economic-recession-and-Family-Stress-on-the-Adjustment-of-3-Year-Olds-in-Ireland.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NOAL, D. S; DAMÁSIO, F. Saúde Mental e atenção Psicossocial na Pandemia de covid - 19: Crianças na pandemia covid-19. **Repositório Institucional da Fiocruz**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41182>. Acesso em: 19 mai. 2021.

OLIVEIRA, A. C; LUCAS, T. C; IQUIAPAZA, R. A. O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?. **Texto & Contexto Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 1-15, mai. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072020000100201&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 abr. 2021.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa COVID**. Brasília, DF; OPAS/OMS, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PAPALIA, D. E. ; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013. 347 p.

PASTORE, M. Di N. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/919/1285>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 240 p.

PIAGET, J. **A concepção de mundo da criança**. 1. ed. New York: Harcourt Brace, 1929. 156 p.

ROCHA, A. M.; CANDEIAS, A. A.; SILVA, A. L. Regulação das emoções na infância. **Psychologica**, Coimbra, v. 61, n. 1, p. 7-28, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=BEVPDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=emo%C3%A7%C3%A3o%2Bpsicologia%2Bprimeira+infancia&ots=-cNgZxadm&sig=5UZBSEsbVsImi5nV9FnjMEXYwho#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 02 Jun. 2021.

SILVA, P. A.; CARMO, R. M.; CANTANTE, F.; CRUZ, C.; ESTÊVÃO, P.; MANSO, L.; PEREIRA, T. S.; LAMELAS, F. Trabalho e desigualdades no Grande Confinamento. **Estudos CoLABOR**, Lisboa, v. 1, n.1, p. 1-46, jun. 2020. Disponível em: <https://colabor.pt/wp-content/uploads/2020/06/Trabalho-e-Desigualdades-no-Grande-Confinamento-II.pdf>. Acesso: 02 de Jun. 2021.

SOTTLTZ, T. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. 1. ed. Curitiba: Intesaberes, 2013. 120 p.

SOUZA, A. B. de M.; MENDES, D. M. L. F. Compreensão emocional em crianças e crenças maternas sobre competência emocional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 541-559, set./dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n3/08.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ainda é possível mudar 2030. **unicef.org**, Brasília, DF; UNICEF, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 03 jun. 2021.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. 240 p.

VYGOTSKY, L. S. **O método experimental em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 330 p.

VYGOTSKY, L. S. **Problemas del desarrollo de la psique**. 1. ed. Madrid: Visor, 1995. 384 p.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectología**. 1. ed. Madrid: Visor, 1997. 133 p.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 521 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 203 p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 1. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2000. 159 p.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2008. 224 p.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 212 p.

WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 112 p.